



TRESCALANTE

Regina Ruth Rincon Caires
Evandro Valentim de Melo
Edson Amaro de Souza

TRESCALANTE

1.^a edição



Editora Jogo de Palavras
• Alumínio, SP •
2018

© Editora Jogo de Palavras, 2018

“O pecado da língua comprida” © Regina Ruth Rincon Caires, 2018

“Gerações” © Evandro Valentim de Melo, 2018

“Oito anos” © Edson Amaro de Souza, 2018

Editoração: João Paulo Hergesel

Revisão: Érica de Oliveira

Ilustração de capa: K. J. Pargeter

Ilustração de folha de guarda: Colli 13 Designs

Ilustração de folha de rosto: Harry Arts

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

C136t Caires, Regina Ruth Rincon

Trescalante / Regina Ruth Rincon Caires, Evandro Valentim de Melo, Edson Amaro de Souza. - Alumínio, SP : Editora Jogo de Palavras, 2018.

48 p. ; 12cm x 18cm.

ISBN: 978-85-66626-86-5

1. Literatura brasileira. 2. Contos. 3. Memórias. 4. Infância. 5. Juventude.
I. Melo, Evandro Valentim de. II. Souza, Edson Amaro de. III. Título.

2018-1442

CDD 869.8992301

CDU 821.134.3(81)-34

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Contos 869.8992301
2. Literatura brasileira : Contos 821.134.3(81)-34

Todos os direitos desta edição reservados a:

Editora Jogo de Palavras
Alumínio, SP • 2018
www.jogodepalavras.com



O pecado da língua comprida

Regina Ruth Rincon Caires

09

Gerações

Evandro Valentim de Melo

23

Oito anos

Edson Amaro de Souza

37

O pecado da língua comprida

Regina Ruth Rincon Caires

A tarde da última sexta-feira do mês era reservada para o benzimento das crianças.

Com chuva ou com sol, nesse dia, todos os deveres da manhã eram acelerados, o almoço saía mais cedo, e logo estávamos a caminho. Sempre acompanhadas de três adultos, invariavelmente mulheres, as crianças desmamadas seguiam em fila indiana para o sítio de Dona Genoveva. Os pequenos, que ainda mamavam no peito, não careciam de passar o ramo. Minha mãe e minha avó eram as acompanhantes titulares: a avó já era velha, não mais teria filhos, e eu,



com seis anos, era a caçula da minha mãe. As outras tias ainda estavam no período parideiro. E como pariam! A cada ano, a fila indiana ficava maior. A benzedura que Dona Genoveva fazia nas crianças era contra verme, feito lombrigueiro. À frente e fechando a fila, a tia e a mãe, e no meio, a avó. Todas no controle zeloso do bando. Usávamos roupas domingueiras, e nos pés as inseparáveis alpargatas: azuis para os meninos e vermelhas para as meninas.

O percurso era longo. Havia muitas cercas de arame farpado a serem vazadas, e sempre era exigido muito cuidado! Não podia rasgar a roupa!

E durante o trajeto era um converseiro danado! A tia falava lá na frente, a avó não escutava direito, as crianças repetiam até que

o recado chegava ao fim da fila. E muita coisa era falada. Eu adorava ouvir tudo, prestava uma atenção danada. Quase sempre era conversa de adulto, e as outras crianças se distraíam e nem escutavam direito, mas eu não perdia uma palavra. Naquele dia até que a prosa não estava tão boa... Elas falavam sobre a dose de óleo de rícino que tomaríamos na manhã do sábado. Coisa triste! Existem gostos e cheiros que ficam impregnados na memória de tal maneira que, mesmo que vivêssemos por mais de um século, não arrefeceriam. Entre os maus estão o gosto do óleo de rícino, e o gosto daquele remédio branco, leitoso e grosso, que ficava num vidro marrom com a fotografia daquele homem com um peixe enorme nas costas. Engolir esses dois remédios era um



suplício! E o pior do óleo de rícino era a revolução que provocava na barriga. A gente nem podia andar direito. Tinha de passar o dia inteiro numa distância mínima da privada. Era um corre-corre danado! Um suplício! E não adiantava reclamar, ninguém escapava.

Atravessada a última cerca, já no terreiro da casa de Dona Genoveva, era hora de retirar os carrapichos das roupas e das alpargatas. Hora dura! As pontas dos dedos ficavam doídas com tantas espetadas, e as minhas mais ainda. Castigo por roer as unhas! Terminada a cata dos espinhos, ajudávamos a avó. Ela, seguindo as tradições espanholas, usava saias com saiotes rodados e compridos até a altura dos tornozelos. E ainda usava meias! Virava uma maçaroca de

panos com espinhos, tudo tão emaranhado que deixava as saias mais curtas e as meias à vista. Nessa hora eu sempre pensava que uma faca ajudaria no serviço, mas nunca disse nada. Retirava, dolorida e pacientemente, os impiedosos carrapichos.

Refeitos, entrávamos na casa. Casa escura, de janela minúscula, paredes com reboco desalinhado, precariamente disposto sobre trançados de bambu. Chão de terra batida. Tudo marrom. O chão, a parede, o telhado, tudo era marrom, cor do barro. O pior era o cheiro do cachimbo. Dona Genoveva pitava. Ela toda cheirava a fumo. Na sala, onde fazia o benzimento, havia um banco comprido de madeira, ensebado. De frente ficava a cadeira onde deveria sentar-se aquele que seria benzido, e ao lado ficava a



cadeira de Dona Genoveva. Cadeira rústica de pau, com braços, assento desgastado feito de trançado de palhas. E na parede, próximo a ela, havia um buraco escavado no reboco onde ela guardava o cachimbo, o fumo de corda, o canivete e os fósforos. Sempre que ia pegar uma coisa, caía tudo. Uma aflição!

Dona Genoveva, com toda a calma do mundo, pegava o fumo, picava e repicava uma porção sobre a mão em concha. Juntava os picados e com o dedo ia compactando tudo no fundo do forninho. Apertava, apertava, riscava o fósforo, e enquanto pelejava para incendiar o fumo, dava seguidas tragadas e baforadas com a boca murcha, absolutamente carente de dentes. E muitas vezes a saliva escorria e ela a amparava com as costas da mão. Um ritual triste, repetido

por inúmeras e inúmeras vezes, e sempre assistido pela plateia que diariamente lotava o velho banco de madeira. Dona Genoveva foi a única benzedeira de verme e espinhela caída da região por décadas e décadas. Benzia crianças e adultos.

Naquele dia, depois de várias baforadas, quando o ar já estava empestado de fumaça, apagou o fumo do cachimbo com uma cuspidada e o recolocou no mocó escancarado do reboco. Passou as mãos para o lado direito da cadeira, pegou o galho de arruda que descansava num caldeirão de água, arrancou um pequeno ramo, e colocou-se de pé para começar a benzedura. A avó sempre era a primeira, e depois seguia a ordem do banco. E o ramo era passado nas costas, no peito, na barriga, nas pernas, na



cabeça... A boca de Dona Genoveva não se aquietava. Rezava, rezava, rezava.

Na minha vez era um martírio! O cheiro do cachimbo, do fumo, das mãos de Dona Genoveva, e mais o cheiro da arruda, virava um bodum só. Enjoava.

O que mais me impressionava é que, quando o benzimento da família acabava, o ramo de arruda estava completamente murcho, pendido.

Nesse dia, a primeira sessão de benzedura de Dona Genoveva de que tenho lembrança, não sei o que houve. Terminado o ritual, todos ainda sentados no banco, a avó colocou-se de pé para a despedida, e eu, intempestivamente, disse:

– E o café?!

Avó, mãe e tia empalideceram.

– Que é isso, menina?! – disse a avó.

– Não! Nós ainda não tomamos café, e em casa as visitas só vão embora depois que é servido o café! – respondi.

Dona Genoveva também ficou surpresa. Surpresa, não! Ela ficou toda sem jeito, incomodada. Imediatamente chamou a filha, cochichou alguma coisa no ouvido dela. A rapariga saiu como um corisco pela porta afora.

E a benzedeira, toda encabulada, foi até à cozinha, ajeitou a lenha do fogão, colocou mais alguns gravetos, um pouco de palha seca de milho, remexeu as brasas que estavam sob as cinzas, e o fogo ardeu. Destampou a velha chaleira de ferro que



estava sobre a chapa com o intuito de assegurar que estava cheia de água.

De volta à sala, desculpou-se pela demora e disse que o café ficaria pronto em pouco tempo. Era só o tempo que a filha levaria para voltar da casa da vizinha mais próxima, onde fora buscar café torrado, uma vez que a reserva da casa havia acabado. A programação era torrar café na manhã do sábado.

Nem olhei do lado. Ouvia apenas a respiração ofegante e contida da mãe ao meu lado. Fazia assim quando estava furiosa! Com certeza os olhos das crianças estavam todos voltados pra mim. Apesar do beliscão doído que recebi do meu irmão, nem pude gemer. Aguentei calada.

E o tempo não passava.

Finalmente a filha de Dona Genoveva entrou esbaforida pela porta da sala, passou como um raio por nós e seguiu para a cozinha. Num minuto ouvimos o barulho da rotação do moinho, manivelado pelas mãos da moça. E um cheiro forte de café moído encheu o ambiente. Nem achei gostoso... Sabia o que me aguardava! Não seria nada fácil, e muito menos agradável.

Logo o café foi coado e servido. A minha mão tremia quando fui pegar a caneca do café. E demorei a tomar. Não queria que acabasse. A volta pra casa seria medonha, caótica.

E foi...



Feitas as despedidas, os agradecimentos, por uns minutos de caminhada o silêncio imperou. Mas, passada a primeira cerca de arame farpado, o caldo entornou. Se pudesse eu sairia correndo na frente! Mas não podia.

Foram petelecos e palavras da mãe, da tia, da avó. As crianças, silenciosas, só me olhavam com aquele ar de zoeira. Que raiva! Por que não fiquei com a boca fechada! Meu Deus, o caminho de volta seria comprido...

Cheguei em casa com as orelhas em brasa. Estúpida! Por que não segurei a língua?!

Os dias correram e tudo caiu no esquecimento.

Até que chegou novamente o dia do benzimento de Dona Genoveva. Tudo igual. A fila indiana, as cercas de arame farpado a serem vazadas, as conversas de gente grande, os carrapichos, o ritual do cachimbo, as benzeduras e a despedida.

Nesse momento, eu virei pro meu irmão e disse:

– Nada de falar em café! Você sabe o que acontece...

Meu irmão chegou a prender a respiração de tanto susto, e Dona Genoveva caiu na risada, dizendo:

– Não, menina! Hoje tem café.

A filha rapidamente passou o café e serviu.



Nem preciso dizer que na volta tudo aconteceu da mesma maneira. Petelecos pra lá, petelecos pra cá, falação, reprimendas, e as orelhas em brasa.

Durante meses fui impedida de voltar aos benzimentos. Ficava com as outras tias e com os pequenos que ainda mamavam, e a mãe dizia que eu só voltaria lá quando a minha língua encurtasse, quando ela coubesse na minha boca.

Expectativa frustrada.

Nunca encurtou.

Gerações

Evandro Valentim de Melo

Martinho era um nervosismo só. Sentava, levantava, andava de um lado para o outro, nada o acalmava. Quando não suportava mais esperar, finalmente, a notícia tão aguardada:

– Pai, Mateus nasceu! Um garotão! Quase três quilos e meio! – André, filho de Martinho, era o portador da boa-nova.

Mateus chegou e promoveu três pessoas: André passou a ser pai; Marcela, mãe; e Martinho, avô.

Martinho, ou melhor, agora vô Martinho, residia, há muitos anos, em um



pequeno sítio, bem afastado da cidade. Sua vida, de repente, ganhou novo ânimo. Ele decidiu transformar o sítio para que seu neto, quando fosse visitá-lo, sentisse vontade de lá permanecer. O lugar deveria ser atraente para uma criança.

Uma bela horta e um florido jardim, ambos cuidados com muito zelo, substituíram o matagal que cercava a casa. As paredes, esburacadas e mofadas, ganharam novo visual. Furos cobertos com massa corrida; paredes lixadas e pintadas de azul. Para o ambiente ficar ainda mais festivo, quadros e gravuras coloridos transformaram a paisagem do sítio, assemelhando-se a um alegre museu de arte contemporânea.

Grande esforço empreendeu vô Martinho na construção de um novo

cômodo: o quarto de Mateus, pois, é claro, ele passaria alguns finais de semana e, também, parte das férias ali naquele sítio. Vô Martinho se inspirava na obra do inesquecível Monteiro Lobato: o *Sítio do pica-pau amarelo*.

Passado o primeiro mês, André, Marcela e Mateus visitaram vô Martinho. O casal desconhecia as transformações no sítio. Não cabendo em si de alegria, vô Martinho afirmou:

– Fiz tudo isso para meu neto poder me visitar. Espero que, mais pra frente, vocês permitam. Não agora, que não dou conta de cuidar de um bebê, mas no futuro, vamos nos divertir a valer.



– Claro, meu sogro – garantiu Marcela.
Avôs e netos costumam ser bons amigos.

A infalível capacidade de o tempo transcorrer se manifestou com a relatividade de costume, ainda ontem, Mateus anunciava sua chegada a plenos pulmões e seu pai, marinheiro de primeira viagem, transmitia a notícia a Martinho. Quatro anos depois daquele grande dia, André e Marcela experimentavam deixar Mateus aos cuidados do avô.

Mateus, desde pequenino, nas visitas rápidas, aconchegava-se ao avô com enorme sensação de bem-estar e proteção. Aquele dia, contudo, inaugurava o primeiro teste de longa duração, em que ficariam a sós.

Vô Martinho procurou ensinar a Mateus tudo o que julgava ser possível de ele aprender: construíram brinquedos de madeira, soltaram pipa, repintaram a cerca do jardim, capinaram para retirar o mato, que teimava em rebrotar, colheram flores, frutos e hortaliças, cozinham... Ao final da tarde, um hábito que passou a ser obrigatório nas visitas do neto ao avô: a leitura de uma história, o que muito agradava a ambos.

Mateus cresceu, passou a frequentar a escola, fez amigos, ampliou seu mundo para além das experiências até então vividas no seio familiar. Uma dessas lhe chegou em um presente, recebido no aniversário de seis anos: um videogame.



Animadíssimo com a novidade, Mateus entrou na casa do avô ansioso para lhe mostrar como se jogava.

– Vô, a mãe me deixou trazer meu videogame novo.

– O brinquedo que você ganhou no aniversário?

– Esse mesmo. Ela disse que eu posso brincar, no máximo, por duas horas. Mas não vale contar o tempo em que eu vou ensinar como usar, tá certo, vô?

Vô Martinho achou graça da esperteza do neto e assentiu, com uma condição:

– Primeiro, vamos adiantar os trabalhos de preparação do almoço e do lanche da tarde. Só depois, a gente põe essa geringonça pra funcionar.

– Combinado.

A energia de Mateus contagiava Martinho. Eles caminharam até o riacho próximo ao sítio e pescaram alguns peixes. Vô Martinho os limpou e os deixou na salmoura.

– Mateus, você consegue subir nessa mangueira?

– Consigo.

– Ótimo. Pegue três mangas maduras. Faremos suco. Tenha cuidado. Enquanto isso, vou à horta colher ingredientes para nossa salada.

Almoço concluído e fome saciada, Mateus cobrou do avô o acordo. Instalou o videogame na TV e o pôs em funcionamento.

Vô Martinho, que sequer sabia da existência de jogos eletrônicos, teve enorme



dificuldade de acompanhar o ritmo e a perícia de Mateus. Tentaram, tentaram e tentaram, mas não houve jeito. Vô Martinho não conseguia. Mateus ficou um tanto decepcionado.

– Mateus, você consegue brincar sozinho? Eu não levo jeito pra esse tipo de brincadeira. Desculpe seu velho avô.

– Consigo sim, vô. Pode ir descansar.

Passadas as duas horas de jogo ininterrupto, vô Martinho chamou a atenção de Mateus para a recomendação materna e o convidou:

– Que tal um lanche?

– Demorou – disse o neto.

Vários finais de semana consecutivos, Mateus foi à casa do avô com o videogame, mas, apesar dos esforços de Martinho, ele não conseguia jogar com o neto.

– Mateus, que tal jogarmos dominó?

– Ah, não, vô! Dominó é muito sem graça.

– Então vamos construir uma nova cadeira. A sua ficou pequena. Você cresceu demais e daqui a pouco não vai mais caber nela.

– Eu quero jogar, vô. Ainda não esgotou meu tempo. Daqui a pouco lhe ajudo.

Passaram-se as duas horas desde o convite do avô ao neto, mas nada dele

aparecer. A cadeira estava quase concluída, quando Mateus surgiu.

– Vô, ainda precisa de ajuda?

O olhar de Martinho readquiriu vivacidade. Brotou-lhe largo sorriso e ele entregou a chave de fenda a Mateus para que apertasse os dois últimos parafusos no novo móvel.

– Falta só envernizar, mas essa tarefa não é para criança. O cheiro é muito forte e lhe fará mal. Farei isso durante a semana. No outro sábado, quando você voltar, vai ver o quanto estará bonita.

No aniversário de sete anos, André e Marcela deram a Mateus o videogame mais moderno do momento. Veio com dois capacetes e, em cada um deles, acoplável,

um par de óculos especiais para realidade virtual em 3D, que ofertava aos jogadores a sensação estarem no cenário do jogo.

Da mesma forma como fez com o primeiro videogame, Mateus queria mostrar ao avô o novo brinquedo.

– Vô, esse aqui é diferente. Tenho certeza que você vai gostar. Ponha esse capacete com óculos especiais e veja que incrível.

Apenas para não desapontar o neto, vô Martinho pôs o capacete. Ao contrário do que imaginava, maravilhou-se com o que viu. De início se sentiu inseguro, mas aos poucos se adaptou, graças às orientações do neto, a quem conseguia ver, em imagem computadorizada. Seguiram, ambos, por



trilhas nas florestas, escalaram montes, atravessaram rios, exploraram cavernas e, ao final, conseguiram encontrar um tesouro.

Martinho ficou maravilhado, parecia tudo muito real.

– Mateus, esse brinquedo é mesmo sensacional. Gostei demais!

Um entusiasmado neto se abraçou ao avô e disse:

– A mãe não permite que eu jogue mais de duas horas, lembra, vô?

– Tem razão, Mateus. E essa aventura toda me deu uma baita fome.

À noite, ao chegarem à casa de Martinho, André e Marcela encontraram o filho na maior animação.

– Pai, mãe, eu e o vô arrebentamos no jogo. Esse, ele conseguiu jogar direitinho.

– Que bom, Mateus, mas você lembrou de nosso combinado? – perguntou Marcela, ao que respondeu seu sogro:

– Na verdade, não fosse ele, estaríamos jogando até agora. Esse brinquedo é muito interessante e divertido.

Transcorrida outra semana, logo cedo, no sábado, Mateus chegava ao sítio com outra novidade: um jogo ainda não inaugurado.

– Guardei para aprendermos juntos, vô. Esse aqui é mais difícil. Nós vamos disputar para ver quem vence.

– Então será cada um por si?

– Isso mesmo.



Mais interessado que o próprio neto, vô Martinho apressou os afazeres. Todos os preparativos para o almoço e o lanche da tarde foram rapidamente cumpridos.

– Vamos lá? – disse vô Martinho ao neto, em tom desafiador.

– Só se for agora, respondeu Mateus.

A primeira contenda, Mateus venceu, mas foi por pouco. Convencido pela vitória, ofereceu uma revanche ao avô. A segunda, a terceira e a quarta partidas, vô Martinho venceu o neto com folga.

Amuado com as sucessivas derrotas, antes mesmo das duas horas da regra materna, Mateus retirou o capacete e perguntou ao avô:

– Vô, você ainda tem aquele dominó?

Oito anos

Edson Amaro de Souza

Musa, canta a ternura
da menina que cruzou dez mil montanhas
para abraçar o irmão adulto.

A menina pediu de aniversário
passar o dia com o irmão adulto
que estuda na Escola de Minas.

A menina perdeu aula
para ver o irmão adulto.

O irmão adulto perdeu aula
para ver a irmã querida.



A Escola onde o irmão estuda foi palácio
onde moravam governadores.

A escola tem museu,
e o museu tem cocô de dinossauros!

Na escola da menina, lá no Rio de Janeiro,
quem vai acreditar?

Cocô de dinossauros, o nome é coprólito,
ensina o irmão.

O nome é difícil, e a menina não vai
esquecer.

Na Rua Conde de Bobadela,
o irmão comprou para ela camisa
com a bandeira de Minas
com palavras em Latim,
que era o que falavam em Roma.

Na Rua Conde de Bobadela,
comeram num restaurante
que tinha milagres nas paredes.

(Milagres eram quadros
que o povo comprava antigamente
para dar de presente a Deus,
quando não tinha fotografia.



Rua Conde de Bobadela.

O nome é engraçado,
e a menina não vai esquecer.

A menina do Rio de Janeiro,
que anda em ruas asfaltadas,
acha engraçado ruas calçadas de pedras.

A menina metodista nunca tinha visto
igrejas com cemitério do lado.

Entraram numa igreja de nome muito grande:

Nossa Senhora do Rosário dos Pretos.

A menina metodista

nunca tinha visto igreja com estátuas.

As imagens eram todas de pessoas negras.

No tempo de antigamente,

os escravos vinham aqui ver a missa,

disse o moço da igreja.

O moço da igreja diz os nomes

das pessoas das imagens,

que ele chama de santos,

e diz que é feio chamar de estátuas;

tem que dizer que são imagens.



Tem uma que se chama
Santo Antônio do Categeró.
O nome é estranho,
e a menina não vai esquecer.

A menina quis vestir
uma camisa do irmão adulto
com emblema da Escola de Minas.

A camisa era grande,
mas era do irmão adulto.

Estava suada e amassada,
mas era o cheiro do irmão adulto.

Perguntou para o irmão
como pode ouro preto.
O irmão explicou,
mas isso ela esqueceu.

A menina metodista
queria ver a tal da missa,
mas era de noite e de noite
ela tinha que voltar ao Rio.



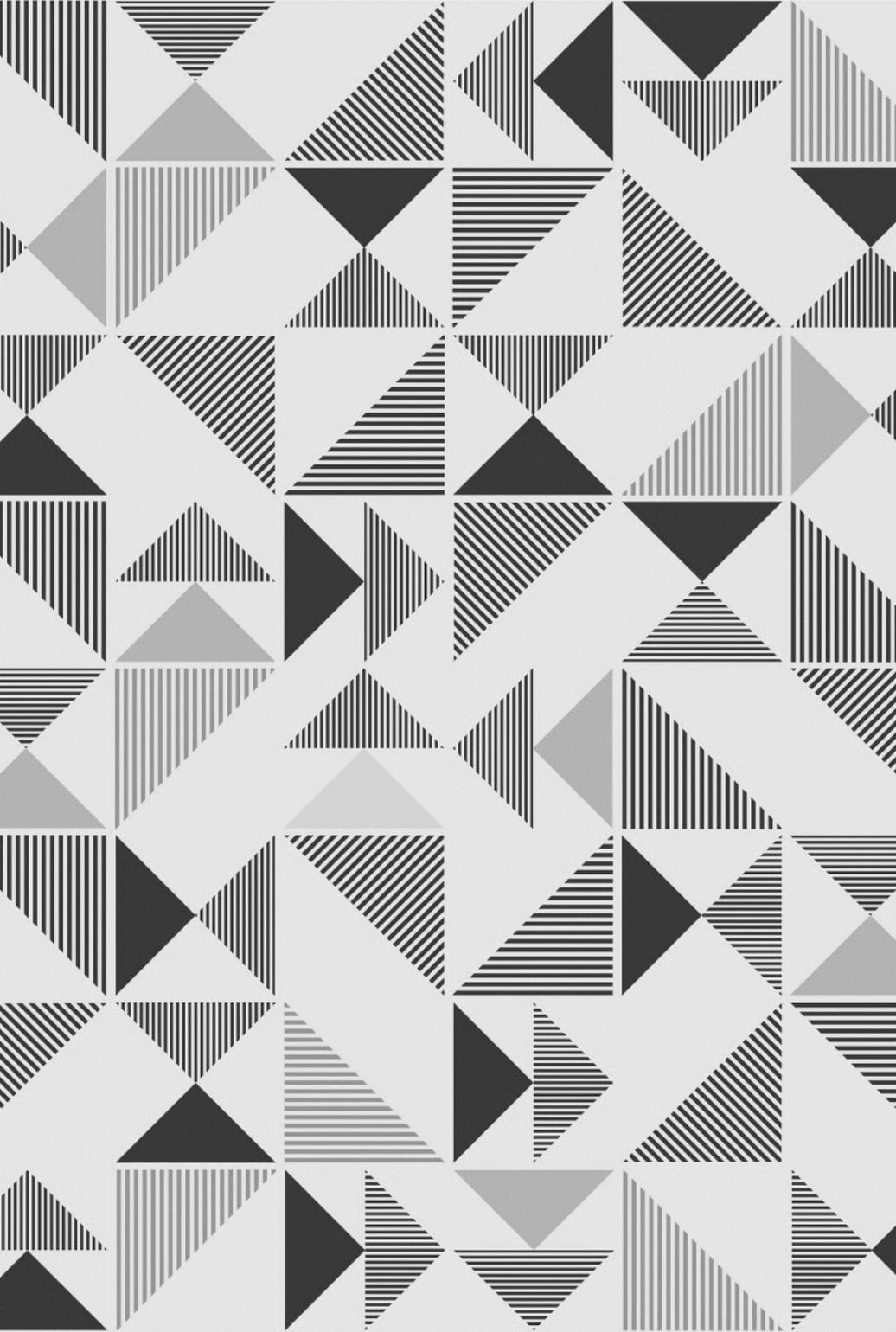
Na hora de pegar o ônibus,
eles se beijaram e se choraram.

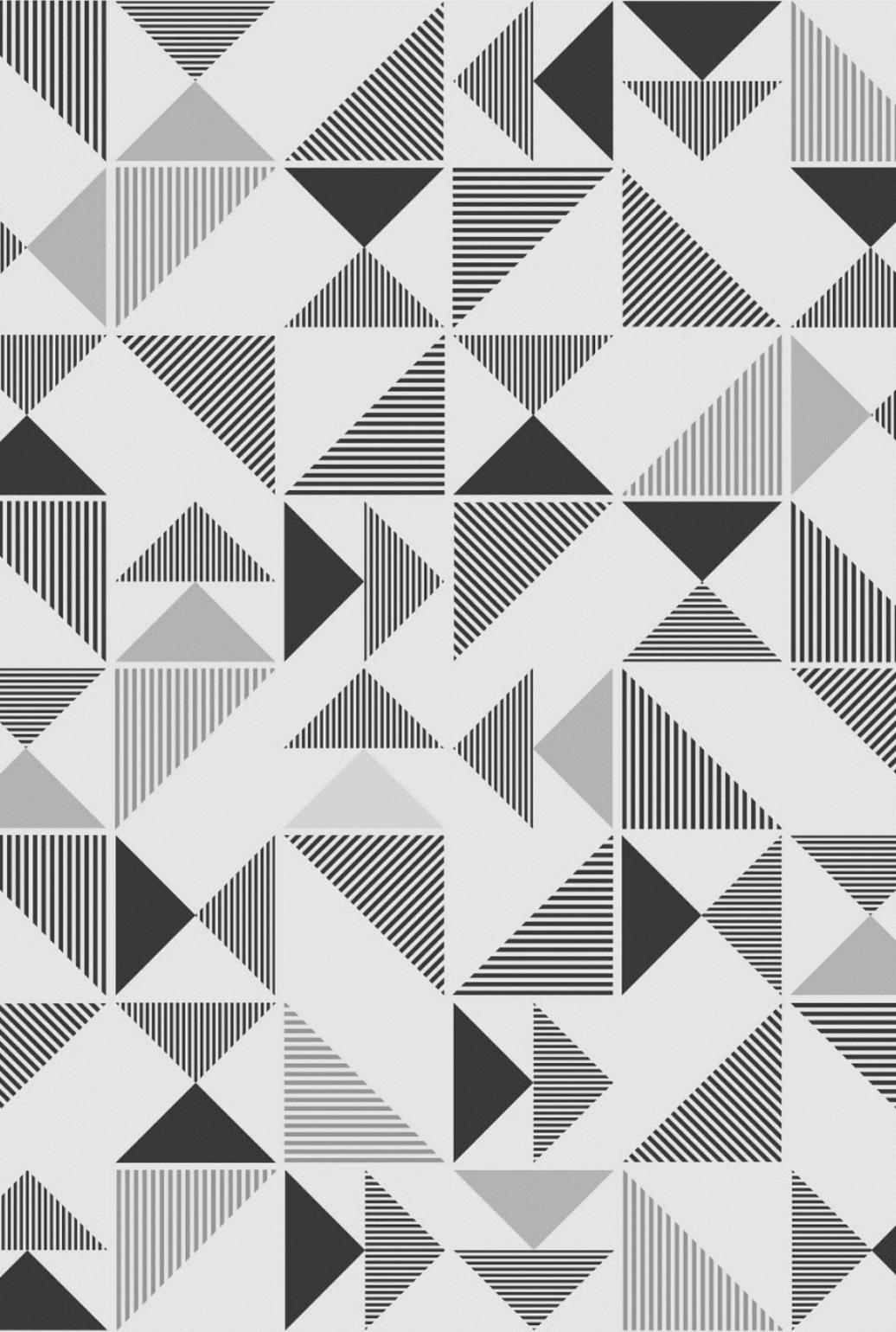
A professora da menina disse
que “a gente se chorou” está errado;
mas errada está a professora,
que nunca se chorou de saudade
por causa de um irmão mais velho.

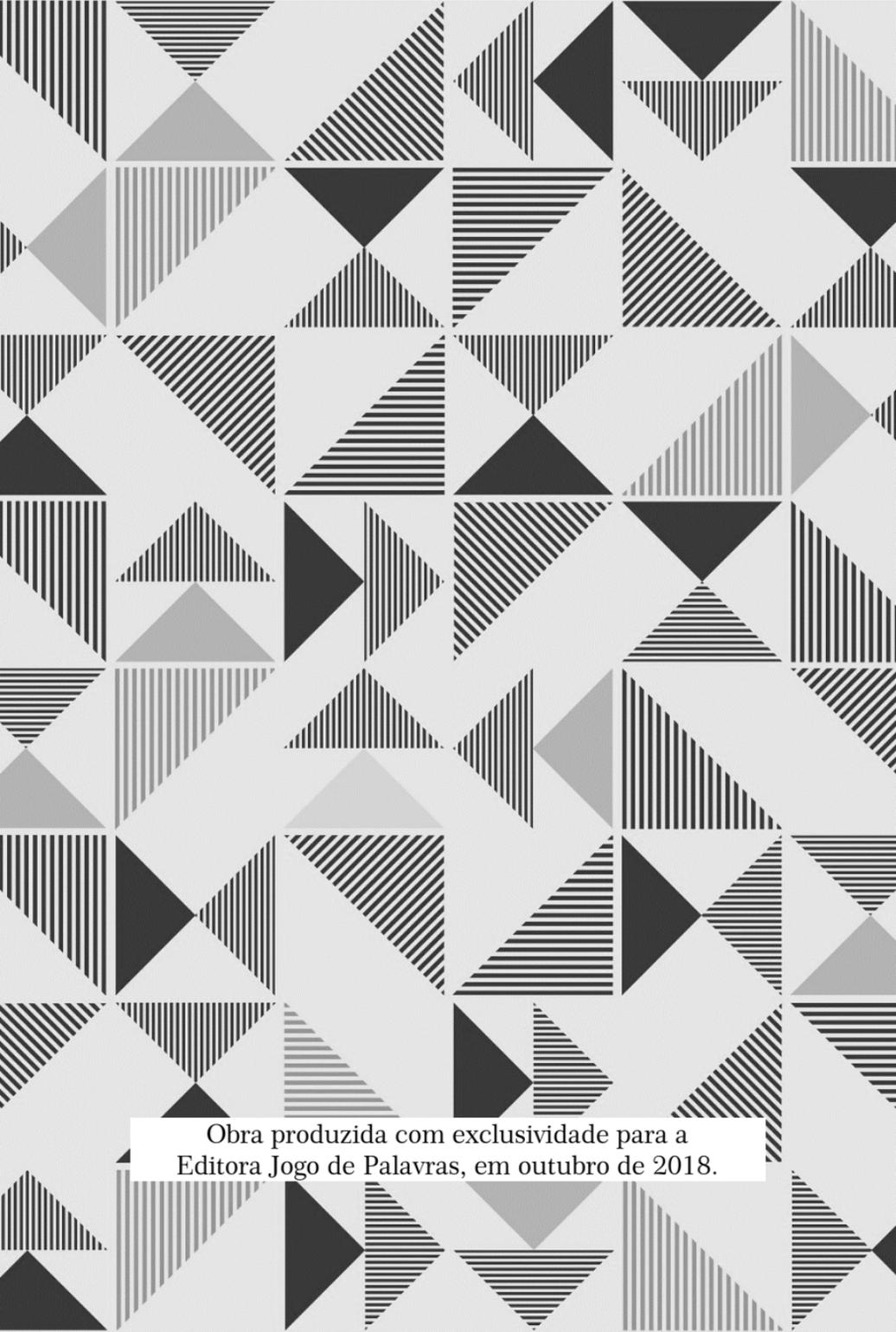
Edson Amaro de Souza: Publicou pela editora Fragmentos o livro de poemas *Ouro Preto e Outras Viagens*. Em formato e-book, no site Amazon, publicou as traduções de *Discursos Sobre A Primeira Década de Tito Lívio*, de Maquiavel; *O Rei Saul*, de Vittorio Alfieri; *Thomas Morus*, de Silvio Pellico, e *Carta da Jamaica*, de Simón Bolívar.
Contato: plantearvores2@gmail.com.

Evandro Valentim de Melo: Escritor. Brasiliense; casado, pai e avô; mestre em gestão do conhecimento e da tecnologia da informação; especialista em gestão de RH; administrador. Publicou *Guardiões do cerrado* (Assis, 2018); *Aventura no cerrado* (Assis, 2017); *Aventura na floresta: bichos e lendas daqui e dacolá* (Assis, 2016), *Cliques narrativos: um romance em crônicas* (Assis, 2014); e “*Causos*” de RH: o livro (Livre Expressão, 2011). Detentor de premiações nas categorias conto, crônica e micro conto em diversos concursos literários. Participação de diversas antologias.
Contato: ordnave.melo@gmail.com.

Regina Ruth Rincon Caires: 64 anos, funcionária pública aposentada, formada em Letras e Direito e sem livros publicados. Gosta de escrever prosa e participar de concursos literários. É casada, tem dois filhos e seis netos.
Contato: reginaruthrinconcaires@gmail.com.





The background of the page is a repeating geometric pattern. It consists of a grid of squares, each divided into four triangles by a diagonal line from the top-left to the bottom-right. The triangles are filled with different patterns: some are solid black, some are solid light gray, and others have various hatching patterns (vertical, horizontal, or diagonal lines). The overall effect is a dense, textured, and visually busy design.

Obra produzida com exclusividade para a
Editora Jogo de Palavras, em outubro de 2018.